

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

Desafios enfrentados pelos responsáveis de crianças com alergia à proteína do leite de vaca (APLV): impactos na rotina e aspectos emocionais

Challenges faced by caregivers of children with cow's milk protein allergy (CMPA): impacts on daily routine and emotional aspects

Káren Arielle Carvalho Barreto

Prof. Ms. Bruno Almeida

Resumo

Introdução: A Alergia à Proteína do Leite de Vaca (APLV) se caracteriza como uma reação de hipersensibilidade reproduzível, podendo ser classificada de acordo com o mecanismo imunológico envolvido. Não afetando apenas de maneira direta as crianças acometidas por essa condição, mas também exerce uma influência significativa sobre o cotidiano e o bem-estar emocional dos responsáveis pelo seu cuidado. **Objetivo:** O estudo tem como objetivo descrever os desafios enfrentados pelos responsáveis após o diagnóstico pediátrico de APLV, bem como seus impactos na sua rotina, nas escolhas alimentares e aspectos emocionais. **Metodologia:** O estudo trata-se de uma revisão bibliográfica integrativa com aspectos descritivos e exploratórios, sendo eleitos o total de 193 artigos entre os anos de 2020 a 2024, após o racionamento foram selecionados 8 artigos em língua inglesa e língua portuguesa e 1 exemplar brasileiro, foram selecionados para compilação, utilizando-se na base de dados os seguintes descritores: “Cow's milk protein allergy”, “Milk Hypersensitivity”, “Caregiver Burden”, “Parent-Child Relations”, “Stress, Psychological”, “Adverse Food Reactions”.

Resultados: Após a análise dos estudos incluídos nesta revisão, conclui-se que a APLV tem um impacto significativo na rotina e na saúde emocional dos responsáveis, principalmente das mães, que frequentemente assumem o papel central no cuidado. A adaptação às novas demandas diárias gera mudanças na vida pessoal, social e profissional dos cuidadores, além de aumentar o estresse e o isolamento devido à falta de compreensão social sobre a gravidade da alergia. Esse cenário contribui para sentimentos de sobrecarga e frustração, agravando os desafios emocionais enfrentados por essas famílias.

Palavras-chave: Alergia à proteína do leite de vaca, hipersensibilidade ao leite, sobrecarga do cuidador, relações entre pais e filhos, estresse psicológico, reações adversas a alimentos.

Abstract

Introduction: Cow's Milk Protein Allergy (CMPA) is characterized as a reproducible hypersensitivity reaction, which can be classified according to the immune mechanism involved. It not only directly affects children with this condition but also significantly influences the daily lives and emotional well-being of their caregivers. **Objective:** This study aims to describe the challenges faced by caregivers following a pediatric diagnosis of CMPA, as well as the impacts on their routine, dietary choices, and emotional aspects. **Methodology:** This is an integrative bibliographic review with descriptive and exploratory aspects. A total of 193 articles published between 2020 and 2024 were selected. After screening, 8 articles in English and Portuguese, as well as 1 Brazilian article, were chosen for compilation. The following descriptors were used in the database search: “Cow's milk protein allergy,” “Milk Hypersensitivity,” “Caregiver Burden,” “Parent-Child Relations,” “Stress, Psychological,” and “Adverse Food Reactions.” **Results:** After analyzing the studies included in this review, it is concluded that CMPA has a significant impact on the routine and emotional health of caregivers, especially mothers, who often assume the central role in care. Adapting to the new daily demands causes changes in the caregivers' personal, social, and professional lives, as well as increasing stress and isolation due to the lack of social understanding of the severity of the allergy. This scenario contributes to feelings of overload and frustration, exacerbating the emotional challenges faced by these families.

Keywords: Cow's milk protein allergy, milk hypersensitivity, caregiver burden, parent-child relations, psychological stress, adverse food reactions.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

Introdução

A Alergia à Proteína do Leite de Vaca (APLV) se caracteriza como uma reação de hipersensibilidade reproduzível, podendo ser classificada de acordo com o mecanismo imunológico envolvido (Burns *et al.*, 2017). Observa-se que desde a década de 1990, houve um aumento significativo no surgimento de reações alérgicas a alimentos, indicando que a alergia alimentar é um desafio nutricional contemporâneo em constante crescimento (Reis *et al.*, 2020).

O documento intitulado "Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas: Alergia Alimentar – Proteína do Leite de Vaca", emitido pelo Ministério da Saúde (Brasil) em 2022, apresenta dados de estudos que avaliaram os sinais e sintomas clínicos da APLV em crianças das cinco regiões brasileiras. Esse estudo encontrou uma prevalência de 5,4% e uma incidência de 2,2% de APLV entre crianças com idade igual ou inferior a 24 meses. Além disso, aborda outro estudo nacional que empregou o teste de provação oral (TPO) como método diagnóstico, revelando uma prevalência de 1% em crianças de 4 a 23 meses e 0,09% em crianças de 24 a 59 meses. Adicionalmente, o documento traz dados do Ministério da Saúde (MS) que estimam que, nos anos de 2012 e 2019, respectivamente, 0,4% (com intervalo de confiança de 0,2% a 0,7%) e 1,2% das crianças até 2 anos foram atendidas em serviços ou programas de atenção nutricional estruturados para o acompanhamento da APLV.

A alergia à proteína do leite de vaca não apenas afeta de maneira direta as crianças acometidas por essa condição, mas também exerce uma influência substancial sobre o cotidiano e o bem-estar emocional dos responsáveis encarregadas de seu cuidado (Ferreira *et al.*, 2014). No mundo contemporâneo, a responsabilidade do cuidado recai de forma significativa sobre as mães, o que se intensifica no contexto das mães cujos filhos são portadores da APLV (Reis *et al.*, 2020). Nessa realidade, enfrentam-se desafios diários que exigem uma vigilância constante para garantir o bem-estar e a segurança das crianças (Reis *et al.*, 2020). Durante a fase de lactação, torna-se imperativo impor restrições alimentares à dieta da mãe. Isso se deve ao potencial de traços de leite de vaca, presentes na alimentação materna, serem transferidos para o leite materno, exercendo um impacto direto na saúde da criança (Reis *et al.*, 2020). Nesse contexto, a mãe, enquanto nutriz, se vê compelida a modificar inteiramente sua alimentação e rotina, com o propósito de garantir a preservação da saúde de seu bebê (Reis *et al.*, 2020).

Com o início da introdução alimentar, os responsáveis pela criança portadora de APLV enfrentam o desafio adicional de selecionar cuidadosamente os alimentos, realizando uma análise minuciosa dos rótulos dos produtos para assegurar que não contenham leite ou suas proteínas em sua composição (Reis *et al.*, 2020). O cuidado de uma criança com APLV demanda considerável esforço, paciência, renúncias e diligentes cuidados (Reis *et al.*, 2020). Esta responsabilidade, de certa maneira, influencia a vivência de todos os integrantes da família, apesar de ser predominantemente assumida pela mãe, que frequentemente encara tais desafios de forma isolada (Reis *et al.*, 2020).

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo geral descrever os desafios enfrentados pelos responsáveis de crianças com APLV, abordando a etiologia e a fisiologia da condição. Explorar o diagnóstico e o manejo desta alergia sob a perspectiva dos cuidadores. Elencando estudos que investiguem os impactos da APLV na rotina, nas escolhas alimentares e no emocional dos responsáveis pelo cuidado dessas crianças.

Metodologia

No presente trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica integrativa, de caráter descritivo e exploratório, com o objetivo de responder à questão norteadora: “Quais são os principais desafios enfrentados por cuidadores de crianças com APLV?”. A investigação utilizou as seguintes bases de dados: National Library of Medicine (PubMed), Periódicos CAPES, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Scholar. Adicionalmente, foi consultado o livro Patologia da Nutrição e Dietoterapia, que, em seu primeiro capítulo, aborda as "Patologias da nutrição e dietoterapia nas alergias e intolerâncias alimentares". Os descritores utilizados para a pesquisa foram: alergia à proteína do leite de vaca, hipersensibilidade ao leite, relações entre pais e filhos, estresse psicológico, perfil de impacto da doença e reações adversas a alimentos.

Os critérios de inclusão foram trabalhos publicados em revistas científicas que tratassesem sobre os desafios enfrentados pelos responsáveis de crianças com APLV e investigassem os impactos na rotina, nas escolhas alimentares e nos aspectos emocionais dos responsáveis.

Para a compilação dos dados, para a então elaboração da tabela, foi considerado um corte de tempo de 5 anos, entre 2020 a 2024, com o intuito de utilizar pesquisas mais atuais.

Utilizou-se palavras-chave em inglês com o operador booleano “AND”, e foram incluídos no presente estudo apenas artigos de fonte primária de informações na língua inglesa e portuguesa. Foram excluídos: monografias, revisões, editoriais, opiniões e duplicidades. Foram considerados estudos abrangendo alergias alimentares, desde que mencionassem a APLV. A coleta de dados seguiu as seguintes etapas: inicialmente, definiu-se o tema central do estudo, seguido pela delimitação dos critérios de inclusão e exclusão. Posteriormente, realizou-se a leitura sequencial dos títulos, seguida da análise dos resumos, e, por fim, procedeu-se à leitura integral dos artigos selecionados.

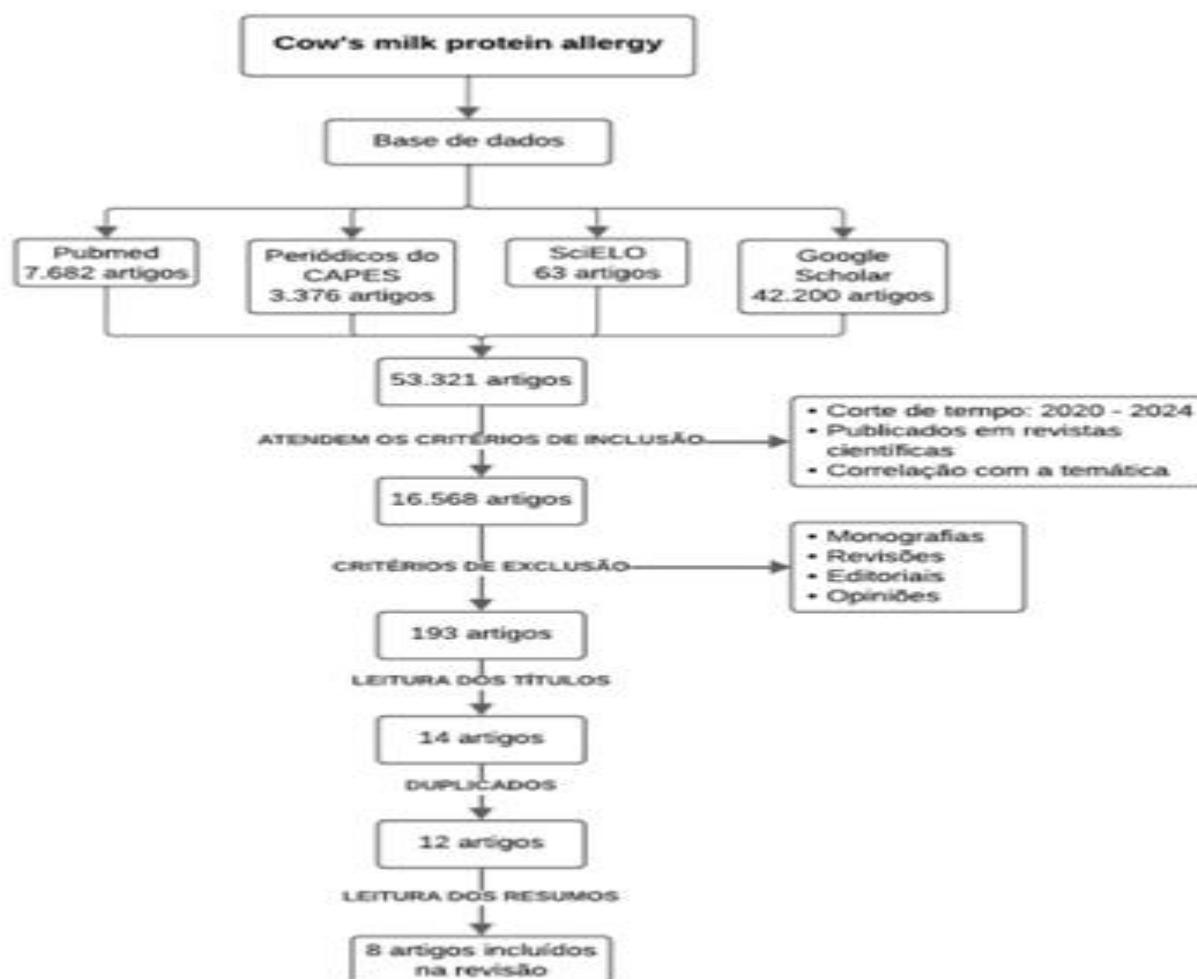
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca pelo descriptor Cow's Milk Protein Allergy (CMPA) nas bases de dados resultou em um total de 53.321 artigos. Desses, 16.568 atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos. Após a aplicação dos critérios de exclusão mencionados anteriormente, restaram 193

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

artigos. Procedeu-se, então, à leitura sequencial dos títulos, sendo excluídos aqueles que não se relacionavam à temática do estudo, resultando em 14 artigos. Destes, 2 eram duplicados e foram eliminados, totalizando 12 artigos para análise dos resumos. Após essa análise, 8 artigos foram selecionados para inclusão na revisão. O processo de seleção foi estruturado em um organograma (Figura 1), que destaca os principais passos envolvidos.

Figura 1. Organograma descritivo do processo de pesquisa da revisão de literatura do presente artigo.



Fonte: desenvolvido pela autora, 2024.

A APLV é uma condição alimentar comum, especialmente em bebês e crianças menores de 3 anos, desencadeada pela ingestão das proteínas presentes no leite de vaca (Sicherer, 2011). Essa condição pode resultar em uma ampla gama de sintomas, abrangendo manifestações gastrointestinais, respiratórias e cutâneas, os quais ocorrem consistentemente com a ingestão do alimento desencadeante, podendo variar desde manifestações leves, como urticária, até reações severas, como dificuldades respiratórias e anafilaxia (Matthai, 2020).

A alergia à proteína do leite de vaca pode desencadear sintomas diversos, dependendo do mecanismo imunológico envolvido, sendo que os sintomas clínicos são mais frequentes nos primeiros

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

seis meses de vida (Muttoni, 2017). De acordo com estudos, os sintomas digestivos são os mais comuns e incluem regurgitação e vômitos, cólicas, diarreia e presença de sangue nas fezes (Burns *et al.*, 2017). Vale ressaltar que cada lactente pode apresentar uma ou mais manifestações clínicas (Burns *et al.*, 2017).

A APLV pode ser classificada em duas categorias principais, conforme o tipo de mecanismo imunológico envolvido: mediada por imunoglobulina (Ig)E ou não mediada por IgE (Burks *et al.*, 2012). As reações mediadas pela imunoglobulina E (IgE) são chamadas de diretas ou imediatas, caracterizadas pelo início dos sintomas em segundos ou até 2 horas após a ingestão do leite de vaca (Muttoni, 2017). Por outro lado, as reações não mediadas por IgE (celulares), conhecidas como manifestações tardias, pois seus sintomas começam horas ou até dias após a ingestão do alimento (Vieira, 2015). As proteínas do leite de vaca, como a beta-lactoglobulina, a alfa-lactoalbumina e a caseína, são os principais desencadeadores dessa reação alérgica (Muttoni, 2017). Embora essas proteínas sejam nutrientes essenciais e o organismo humano possa metabolizá-las, muitas vezes não são identificadas pelo sistema imunológico, o que resulta no desenvolvimento da alergia (Muttoni, 2017).

O manejo da APLV é dietético e baseia-se na exclusão total do leite de vaca e seus derivados da alimentação, com o objetivo de prevenir complicações e controlar a condição. Em substituição, recomendam-se fórmulas infantis específicas, como as extensivamente hidrolisadas à base de soro de leite ou caseína, fórmulas de aminoácidos e, em alguns casos, fórmulas à base de soja (Solinas, C.; Corpino, M.; Maccioni, R., 2010).

Impactos no estilo de vida na saúde emocional do(s) cuidador(es) de crianças com APLV

No quadro 1, descrito a seguir, foram compilados os resultados mais significativos de cada artigo científico selecionado na pesquisa, assim como autores, tipo de estudo, ano de publicação, local do estudo, amostra, objetivos, metodologia e resultados. Os 08 artigos são estudos publicados em periódicos internacionais, sendo três realizados no Brasil, dois na Turquia, dois no Canadá e os demais no Reino Unido. Dos artigos selecionados, três foram publicados em português e cinco em inglês.

O estudo predominante foi o de caráter qualitativo, presente em três artigos, assim como o estudo transversal, também aplicado em três artigos. Além disso, foram identificados um estudo de campo e um estudo observacional. A faixa etária dos participantes variou entre 18 e 55 anos, com alguns estudos realizados exclusivamente com os responsáveis e outros envolvendo tanto os portadores de alergia quanto seus responsáveis. Nestes casos, a idade dos portadores de alergia variou de 6 meses a 16 anos e 6 meses. Foram conduzidos estudos com ambos os sexos e outros voltados apenas ao gênero feminino. É relevante destacar que, mesmo em situações em que a pesquisa poderia

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

ser respondida por ambos os responsáveis (pai e mãe), a grande maioria das respostas obtidas foram fornecidas pelas mães.

Quadro 1 – Resumo dos artigos analisados para revisão.

Artigo	Autor, ano de publicação, local do estudo	Delineamento, tipo de estudo e N	Objetivos do estudo	Metodologia	Principais achados
1	Edson Batista dos Santos Júnior et al Publicado em 2023 Ceará	Estudo de campo N = 6	Identificar quais os desafios de mães após o diagnóstico da alergia à proteína do leite da vaca durante a amamentação	6 mães foram identificadas através da técnica <i>snowball</i> , informações sobre caracterização das mães; diagnóstico da APLV e os Desafios na amamentação após o diagnóstico da APLV foram obtidos através de entrevistas realizadas entre abril e junho de 2023.	Essas mães abdicaram de sua rotina e alimentação para poder dar continuidade a amamentação e, entre os desafios relatados por elas estão, realizar a dieta de exclusão, perda de peso e fator psicológico abalado. A partir dos relatos das mães ficou claro os desafios que elas passaram e passam por conta da APLV e a dedicação delas em renunciar a tudo e mudar completamente seus hábitos e sua rotina, para se dedicar exclusivamente à saúde dos seus filhos.
2	Pamela dos Reis et al Publicado em 2020 Paraná	Estudo qualitativo N = 9	Compreender as repercussões da alergia à proteína do leite de vaca, sob a ótica materna	19 mães, participantes de grupos on-line sobre alergia à proteína do leite de vaca, foram convidadas por meio de mensagem privada, na própria rede social, a participarem do estudo. Destas, 9 mães atenderam aos critérios de inclusão da pesquisa. Utilizou-se de roteiro semiestruturado, abordando características socioeconômicas e questões norteadoras que tinham relação com o tema do estudo. Os dados foram coletados de janeiro a março de 2017, mediante entrevistas semiestruturadas.	A rigorosa restrição alimentar, decorrente da alergia à proteína do leite de vaca, repercute significativamente na vida de crianças e famílias, em especial das mães, desencadeando isolamento social da família. A carência de apoio e compreensão sobre a gravidade da situação, por parte de pessoas do círculo social da família da criança com alergia à proteína do leite de vaca, pode dificultar ainda mais o tratamento, além de desencadear afastamento e isolamento social da criança e respectiva família.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

3	Vanessa Korz et al Publicado em 2021 Santa Catarina	Estudo caso-controle, observacional N = 70	Analizar os efeitos da alergia à proteína do leite de vaca sobre a saúde de crianças, qualidade de vida de responsáveis e crianças e sobre os estilos parentais adotados.	Participaram do estudo: 70 crianças e seus responsáveis: 26 casos e 44 controles. A coleta de dados ocorreu através de visita domiciliar, nestas os procedimentos foram explicados ao responsável por cada criança, e participaram do estudo apenas aqueles que assinarem os termos de consentimento livre e esclarecido. Posteriormente, coletaram-se os dados com aplicação dos instrumentos de pesquisa, com duração de 30 a 45 minutos.	As crianças com alergia apresentaram pior qualidade de vida na dimensão “saúde”, mas seus responsáveis apresentaram melhor qualidade de vida emocional. O conjunto dos resultados da presente pesquisa indicam que as ações de proteção das crianças com alergia à proteína do leite de vaca, por seus responsáveis, acabaram impactando sobre diversas condições de estimulação para estas crianças, uma vez que parte das ações protetivas aparentemente geraram redução de experiências sociais com outras crianças e adultos, assim como redução de estimulação física para as crianças com alergia. Assim, os responsáveis de crianças com alergia à proteína de vaca são mais protetores e vigilantes, evidenciado pela frequência superior de colo e inferior de brincadeira corporais.
4	Yasar Tanir Abdulvahit Asik Publicado em 2023 Turquia	Estudo transversal N = 82	Investigar os problemas internalizantes e os estilos de enfrentamento em mães de jovens com APLV (Alergia à Proteína do Leite de Vaca).	A amostra do estudo consistiu em 41 mães com uma criança com APLV e 41 mães com uma criança sem problemas crônicos de Saúde. O Inventário de Depressão de Beck (BDI) foi desenvolvido para classificar a depressão em adultos. As pontuações de corte da escala foram as seguintes: 0-17 pontos ansiedade leve, 18-24 pontos ansiedade moderada, 25 e acima ansiedade grave.	Os escores de depressão e ansiedade foram significativamente maiores no grupo de mães de crianças com APLV de acordo com as escalas de depressão e ansiedade de Beck. As mães no grupo APLV tiveram significativamente mais ansiedade e depressão moderadas a graves do que as mães no grupo de controle. Pais de crianças com APLV podem se comportar de forma diferente dos pais de crianças saudáveis em termos dos aspectos físicos e psicológicos da criação dos filhos. Neste estudo, crianças com APLV foram amamentadas por um tempo significativamente menor do que as crianças do grupo controle.
5	Nergiz Sevinc et al Publicado em 2021 Turquia	Estudo transversal N = 162	Avaliar os níveis de ansiedade em mães de bebês recém-diagnosticados com APLV e comparar com controles. Determinar se há	Um total de 80 mães de bebês com suspeita de APLV e 82 mães de bebês saudáveis foram招募 para o estudo. Após a exclusão de 11 mães, 73 mães de bebês	As mães de bebês recém-diagnosticados com APLV apresentaram escores de ansiedade mais altos do que os controles. No presente estudo, descobrimos que tanto a pontuação mediana do IDATE-Estado quanto do IDATE-Traço nas mães de bebês com

			uma diferença nos níveis de ansiedade das mães pelos sintomas de bebês com APLV.	recém-diagnosticados com APLV e 78 mães de bebês saudáveis pareados por idade foram incluídas no estudo. Para avaliação da ansiedade materna, foi utilizado o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (STA). Realizado entre março de 2019 a fevereiro de 2020.	APLV foram significativamente maiores do que nos controles ($p>0,05$). Com base nos resultados do estudo, a APLV parece criar efeitos negativos não apenas na saúde dos bebês, mas também no estado emocional de suas mães.
6	Kate Roberts et al Publicado em 2021 Reino Unido	Pesquisa quantitativa observacional transversal N = 105	Explorar ansiedade, preocupação e sintomas de estresse pós-traumático (PTSS) em pais de crianças com alergias alimentares e avaliar se esses três resultados psicológicos poderiam ser previstos pela gravidade da alergia, intolerância à incerteza e autoeficácia em relação à alergia alimentar.	Os participantes foram 105 pais que relataram que seus filhos tinham alergias alimentares diagnosticadas clinicamente. Os participantes foram recrutados para um estudo sobre bem-estar dos pais por meio de uma clínica de alergia e anúncios em mídias sociais. Os participantes preencheram questionários online avaliando ansiedade, preocupação, PTSS, intolerância à incerteza, autoeficácia em alergia alimentar e informações demográficas e de alergia. Todos os participantes concluíram o estudo on-line entre abril e novembro de 2018.	Nesta amostra, uma grande proporção de pais de crianças com alergia alimentar relatou preocupação clinicamente significativa, ansiedade e/ou PTSS.
7	Elissa M. Abrams et al Publicado em 2020 Canadá	Estudo qualitativo N = 23	Descrever as percepções dos problemas de saúde mental relacionados à alergia alimentar de pais de crianças com diagnóstico de longa duração de alergia alimentar.	Entre março e julho de 2019, foram recrutadas 21 famílias, incluindo duas diádes (mãe-pai), do centro terciário de cuidados pediátricos para alergias alimentares e do centro de educação sobre alergias em Winnipeg, Manitoba, para	Pais de crianças com múltiplas alergias alimentares relataram um impacto negativo em suas condições mentais saúde. Fora do ambiente doméstico, a adaptação e a acomodação tornaram-se muito mais desafiadoras para essas famílias. Atividades apropriadas para a idade, como encontros para brincar, festas de aniversário e festas do pijama, representavam uma luta constante entre tentar

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

				participar de entrevistas qualitativas.	manter a segurança da criança e preservar bons relacionamentos com amigos e conhecidos.
8	Rishma Chooniedass et al Publicado em 2020 Canadá	Estudo qualitativo N = 40	Descrever as experiências dos pais ao lidar com uma criança com alergia alimentar. Além disso, explorará os tipos de recursos que os pais prefeririam para ajudá-los lidar com ter um filho com alergia alimentar e, mais especificamente, como eles gostariam que isso acontecesse.	Os pais de uma criança com diagnóstico de alergia alimentar foram recrutados em Vancouver e Colúmbia Britânica (Victoria e Kelowna). Um total de 40 pais (33 mulheres) participaram dos grupos focais. O material publicitário foi exibido nos escritórios de alergistas locais e distribuído aos membros da Associação de Alergia Alimentar da Colúmbia Britânica Canadá. As sessões foram realizadas em formato semiestruturado e os participantes foram instruídos a responder individualmente a cada pergunta antes de compartilhar com outros participantes. Os grupos focais duraram entre 50-90 minutos. Todos os grupos focais foram gravado em áudio e transcritos.	Todos os pais neste estudo expressaram algum tipo de ansiedade ao cuidar de uma criança com alergia alimentar. Os pais experimentam uma ampla gama de emoções quando uma criança é diagnosticada com alergia alimentar, incluindo culpa, frustração, isolamento, tristeza e ansiedade. Cuidar de uma criança com alergia alimentar representa um fardo adicional para os pais, que devem garantir a sua criança não seja exposta a alimentos que possam causar uma reação potencialmente fatal.

Fonte: Tabela desenvolvida pela autora, 2024.

Com base nas pesquisas apresentadas, foram realizados quatro estudos exclusivamente com mães e outros quatro com mães, pais ou responsáveis pela criança com APLV. Considerando todos os participantes desses quatro estudos, que incluíam qualquer responsável pela criança, o total de respondentes foi de 238, dos quais 91,6% (N=218) eram mães e 8,4% (N=20) eram pais. Esse desequilíbrio na distribuição entre os sexos aponta para um viés nos estudos analisados. A maior parte das dificuldades relatadas após o diagnóstico pediátrico de APLV foi descrita do ponto de vista materno. Além disso, a significativa diferença entre o número de respostas de mães e pais reforça a ideia de que a responsabilidade pelo cuidado da criança recai predominantemente sobre as mães.

Conforme os achados encontrados, dos oito estudos analisados, sete evidenciaram que a

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

APLV impacta não apenas os indivíduos portadores da condição, mas também a qualidade de vida de seus cuidadores. Dentre esses, cinco estudos destacaram que os responsáveis por crianças com APLV apresentam níveis elevados de ansiedade e maior predisposição ao desenvolvimento de depressão. Por outro lado, a pesquisa de Kroz (2021), na qual foi realizada uma comparação entre um grupo de pais de crianças com APLV ($N=26$) e um grupo controle composto por pais de crianças sem condições crônicas de saúde ($N=44$), revelou um achado divergente. Nesse caso, os cuidadores de crianças com APLV apresentaram melhor qualidade de vida emocional em comparação ao grupo controle. Os autores do estudo sugerem que esse resultado pode estar associado ao desenvolvimento de estratégias e habilidades específicas para o manejo da alergia, o que pode ter contribuído para o aprimoramento do bem-estar emocional desses cuidadores.

Cinco estudos apontaram que os responsáveis por crianças com APLV tendem a adotar comportamentos mais vigilantes e protetores em relação aos seus filhos, com o objetivo de evitar qualquer exposição ao alérgeno. No entanto, essa atitude frequentemente resulta em um comportamento superprotetor, que, por sua vez, pode limitar as oportunidades das crianças com alergias alimentares de vivenciarem experiências sociais. Pais superprotetores demonstram vigilância excessiva, apresentam dificuldades em lidar com a separação e exercem um alto nível de controle, o que desencoraja o desenvolvimento da independência nos filhos (Martins *et al.*, 2010). Além disso, essa preocupação constante com a segurança alimentar dos filhos contribui para o aumento dos níveis de ansiedade entre os pais ou cuidadores, afetando negativamente seu bem-estar emocional.

De acordo com relatos de responsáveis por crianças com APLV, presente em seis estudos, observou-se que, após o diagnóstico, houve uma necessidade de reestruturar hábitos e rotinas diárias. Essas mudanças foram impulsionadas pela adaptação às novas demandas relacionadas ao cuidado e manejo da condição alimentar das crianças. O diagnóstico de alergia alimentar demanda uma significativa reestruturação na dinâmica familiar, especialmente para o cuidador principal – frequentemente, a mãe. Além de buscar informações e compreender os cuidados necessários, ela precisa adaptar sua rotina para atender às novas exigências impostas pela condição. Quando a criança é lactente, os desafios se intensificam, pois, a amamentação, que já é um processo naturalmente complexo, torna-se ainda mais difícil devido à presença da APLV, gerando sentimento de frustração na mãe (Abagaro *et al.*, 2018).

Sabe-se que a amamentação é essencial para o bem-estar do bebê e da mãe, desempenhando um papel crucial na nutrição nos primeiros anos de vida, com benefícios que perduram ao longo da vida. O artigo "Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos e efeitos ao longo da vida", publicado na revista The Lancet em 2016, reforça sua importância universal, destacando benefícios que transcendem diferenças socioeconômicas. Dos artigos incluídos nesta revisão, seis evidenciaram os desafios enfrentados durante a amamentação de crianças com APLV. Em dois deles, foi relatado

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

que algumas mães participantes optaram por interromper a amamentação, recorrendo ao uso de fórmulas como alternativa. Além da carga física e emocional que a amamentação já implica, o aleitamento materno em crianças com APLV apresenta dificuldades adicionais. Entre os principais desafios mencionados pelas mães está a necessidade de aderir a uma rigorosa dieta de exclusão, o que inclui abrir mão de alimentos que faziam parte de sua rotina alimentar ao longo de toda a vida.

Apesar disso, em quatro dos estudos analisados, houve relatos de mães que, mesmo diante das adversidades, conseguiram manter a amamentação exclusiva. Elas relataram que a ausência de reações adversas nos filhos ao serem amamentados funcionava como uma motivação para manter a dieta restritiva e, assim, continuar com o aleitamento materno.

Ademais, um dos estudos destacou também a preocupação constante com alimentos industrializados, tanto durante o período em que a mãe precisa seguir a dieta de exclusão quanto após o desmame, para evitar a exposição da criança ao alérgeno. Essa atenção inclui uma análise minuciosa dos rótulos dos alimentos, processo que exige tempo, paciência e um esforço contínuo dos responsáveis, intensificado pelo medo de possíveis reações alérgicas.

Quatro artigos destacam que a vida social dos cuidadores de crianças com APLV é significativamente impactada pelo fardo que a condição impõe. Muitas vezes, familiares, que deveriam atuar como rede de apoio, acabam julgando os cuidados rigorosos adotados pelos pais, classificando-os como "exagerados" devido à falta de conhecimento sobre a gravidade da alergia. Um dos estudos enfatiza que, diante dessa falta de compreensão, muitas mães evitam deixar seus filhos aos cuidados de familiares que minimizam a condição. Esses familiares tendem a ignorar as recomendações, considerando-as "frescura", e, por vezes, expõem a criança ao alérgeno, acreditando que não haverá reações adversas, o que aumenta os riscos para a saúde da criança e reforça a sobrecarga dos pais. Nesse sentido, conforme evidenciado por Reis (2020), a falta de compreensão social sobre a condição e os cuidados necessários contribui para o isolamento social tanto da criança quanto dos cuidadores, impactando a dinâmica familiar como um todo.

O impacto financeiro da APLV na vida dos cuidadores foi destacado por dois artigos incluídos na tabela, especialmente no que diz respeito à rotina de trabalho. Os pais relataram a necessidade de procurar empregos mais flexíveis para poder estar presentes em situações de maior risco de exposição ao alérgeno. Tornou-se comum a solicitação de folgas para acompanhar os filhos em consultas médicas, o que acarretou uma redução na renda familiar. Alguns pais chegaram a pedir demissão para educar os filhos em casa, acreditando ser essa a única opção segura (Chooniedass *et al.*, 2020). Além disso, outros custos relacionados à APLV foram mencionados, como as despesas com exames e consultas médicas para o diagnóstico, a compra de alimentos especiais, além dos custos com cuidados e tratamentos médicos.

Seis dos estudos da tabela destacam a necessidade de um maior suporte e orientação para os

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

cuidadores de crianças com APLV, especialmente para as mães, que geralmente se tornam o centro do cuidado após o diagnóstico. Nesse momento, surgem muitas dúvidas, e inicia-se o processo de adaptação às exigências impostas pela alergia. O estudo “*Amamentação e alergia à proteína do leite de vaca: desafios de mães após o diagnóstico de seus filhos*” ilustra bem essa realidade, ao relatar, por meio das falas das mães participantes, suas preocupações e angústias diante do diagnóstico de APLV, evidenciando a carga emocional que recai sobre elas. Os estudos ressaltam que, especialmente após o diagnóstico, seria essencial oferecer um suporte mais abrangente aos cuidadores. Esse apoio deve incluir informações detalhadas sobre a alergia, explicando o quadro alérgico da criança e as estratégias que os cuidadores precisarão adotar para gerenciá-lo. Além disso, é fundamental fornecer suporte psicológico, recomendando acompanhamento tanto para os cuidadores quanto para a criança, a fim de lidar com as implicações emocionais dessa condição.

Um estudo realizado nos Estados Unidos em 2019, intitulado “*MINHA VIDA COM ALERGIA ALIMENTAR - Relatório da Pesquisa dos Pais*”, analisa os desafios enfrentados por famílias de crianças com alergias alimentares, evidenciando impactos físicos, emocionais e sociais. A pesquisa destaca como a rotina familiar é transformada pela necessidade de cuidados rigorosos, como a leitura detalhada de rótulos, restrições alimentares e atenção especial em ambientes compartilhados. Pais relataram ansiedade constante com exposições acidentais e sentimentos de isolamento devido à incompreensão de familiares e profissionais de saúde sobre a gravidade da condição.

Embora este estudo não tenha sido incluído na presente revisão devido ao recorte temporal (2020-2024), seus resultados refletem consistentemente os principais achados dos estudos analisados. Assim como evidenciado nos artigos presentes na tabela, o relatório confirma que a APLV não apenas afeta diretamente a vida do portador da alergia, mas também impacta de forma profunda a qualidade de vida de seus cuidadores, alinhando-se às conclusões gerais da revisão.

As limitações identificadas nesta revisão incluem a predominância de participantes com pelo menos o ensino médio completo em cinco estudos, o que pode não refletir a realidade de famílias com menor nível de escolaridade, que enfrentam dificuldades específicas, especialmente no acesso à informação e a recursos relacionados à APLV. Três estudos apresentaram uma amostra majoritariamente composta por participantes casados, o que pode não representar a experiência de pais solteiros, que lidam com desafios adicionais no cuidado de crianças com APLV. Além disso, em três estudos, a maioria dos participantes estava empregada ou possuía empregos flexíveis, o que facilita a adaptação às exigências imprevisíveis da APLV, mas não aborda a realidade de famílias com empregos inflexíveis ou em situação de desemprego. Dois estudos indicaram que a maioria dos participantes tinha acesso a seguro saúde ou consultas particulares, o que pode não ser aplicável a famílias sem acesso a serviços privados, as quais enfrentam maiores dificuldades no diagnóstico e acompanhamento da APLV. Por fim, dois estudos mencionaram, como uma limitação, o uso de

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026
escalas de autoavaliação para avaliar os impactos psicológicos da APLV na vida dos participantes, e sugeriram que, em pesquisas futuras, seria mais eficaz a utilização de exames psiquiátricos para avaliar a ansiedade e a depressão nos cuidadores.

CONCLUSÃO

Com base nos resultados obtidos nesta pesquisa, conclui-se que a APLV impacta significativamente a rotina e os aspectos emocionais dos responsáveis por crianças com essa condição. A necessidade de adaptação a novas demandas exige uma reestruturação abrangente da rotina dos cuidadores, afetando suas relações interpessoais, equilíbrio emocional, autonomia profissional e até mesmo o lazer. Esses desafios refletem a complexidade de conviver com uma condição que exige vigilância constante e comprometimento integral, frequentemente centralizado em um único cuidador, geralmente a mãe.

A incerteza, o medo e a ansiedade que acompanham o diagnóstico, aliados ao excesso de responsabilidades e à constante preocupação em evitar a exposição ao alérgeno, demandam uma atenção permanente do cuidador. Além disso, a falta de compreensão social acerca da gravidade da alergia e os frequentes julgamentos de terceiros intensificam ainda mais o estresse e o isolamento enfrentados pelos responsáveis, agravando a carga emocional que recai sobre eles.

Diante desse cenário, fica clara a necessidade de abordagens integradas que ultrapassem o manejo clínico da alergia, com ênfase no fortalecimento das redes de apoio social, psicológico e educacional, para garantir um suporte mais amplo e eficaz aos cuidadores. Portanto, conclui-se que é essencial adotar uma abordagem integrada e multidisciplinar no cuidado às famílias de crianças com APLV, que considere as diversas dimensões do impacto dessa condição.

Além disso, reforça-se a necessidade de ampliar a representatividade das amostras em futuras pesquisas, garantindo uma divisão igualitária de gêneros entre os cuidadores e incluindo famílias de diferentes níveis socioeconômicos, estruturas familiares variadas e realidades distintas de acesso aos serviços de saúde. Essa abordagem permitirá o desenvolvimento de intervenções mais eficazes, promovendo o bem-estar físico e emocional tanto dos cuidadores quanto das crianças sob seus cuidados.

Referências

ABRAMS, Elissa M.; SIMONS, Elinor; ROOS, Leslie; et al. Qualitative analysis of perceived impacts on childhood food allergy on caregiver mental health and lifestyle. *Annals of Allergy, Asthma & Immunology*, v. 124, n. 6, p. 594–599, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32145318/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

ASTHMA AND ALLERGY FOUNDATION OF AMERICA. My life with food allergy: parent survey report. **Asthma and Allergy Foundation of America (AAFA)**, 2022. 46 p. Disponível em: <https://www.aafa.org/wp-content/uploads/2022/08/aafa-my-life-with-food-allergy-parent-survey-report.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BURKS, A Wesley; TANG, Mimi; SICHERER, Scott; et al. ICON: Food allergy. **Journal of Allergy and Clinical Immunology**, v. 129, n. 4, p. 906–920, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22365653/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

BURNS, Dennis Alexander Rabelo; CAMPOS JÚNIOR, Dioclécio; SILVA, Luciana Rodrigues; et al. Tratado de pediatria: Sociedade Brasileira de Pediatria. 4. ed. **Academia.edu** Barueri: Manole, 2017. Disponível em: [https://evirtual.upra.ao/examples/biblioteca/content/files/Dennis%20Alexander%20Rabelo%20Burns%20et%20al%20-%20Tratado%20de%20pediatria%20-%20SBP.%201-Manole%20\(2017\).pdf](https://evirtual.upra.ao/examples/biblioteca/content/files/Dennis%20Alexander%20Rabelo%20Burns%20et%20al%20-%20Tratado%20de%20pediatria%20-%20SBP.%201-Manole%20(2017).pdf). Acesso em: 24 set. 2024

CHOONIEDASS, Rishma; SOLLER, Lianne; HSU, Elaine; et al. Parents of children with food allergy. **Annals of Allergy Asthma & Immunology**, v. 125, n. 6, p. 674–679, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32454095/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

DAL, Gabriela; MACARINI, Samira Mafioletti; VIEIRA, Mauro Luís; et al. Construção e validação da Escala de Crenças Parentais e Práticas de Cuidado (E-CPPC) na primeira infância. **Psico-USF**, v. 15, n. 1, p. 23–34, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/DZdk3HYBY6Z4VwqSvN4SFzm/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2024.

DOS SANTOS JÚNIOR, E. B.; DOS SANTOS, A. J. C.; DA PONTE, H. M. S.; et al. Amamentação e alergia à proteína do leite da vaca: desafios de mães após o diagnóstico de seus filhos. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, [S. l.], v. 16, n. 9, p. 16147–16167, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.9-140. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/1775>. Acesso em: 12 nov. 2024.

FERREIRA, Sofia; PINTO, Mariana; CARVALHO, Patrícia; et al. Alergia às proteínas do leite de vaca com manifestações gastrointestinais. **Revista Nascer e Crescer**, v. 23, n. 2, p. 72–79, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317470769_Alergia_as_proteinas_do_leite_de_vaca_com_manifestacoes_gastrointestinais. Acesso em: 13 set. 2024.

KORZ, Vanessa; KREMER, Maira M; VARGAS, Deisi Maria; et al. Cow's milk protein allergy, quality of life and parental style. **Journal of Human Growth and Development**, v. 31, n. 1, p. 28–36, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-12822021000100004. Acesso em: 12 nov. 2024.

MARTINS, G. D. F.; MACARINI, S. M.; VIEIRA, M. L.; et al. Construção e validação da Escala de Crenças Parentais e Práticas de Cuidado (E-CPPC) na primeira infância. **Psico-USF**, v. 15, n. 1, p. 23–34, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/DZdk3HYBY6Z4VwqSvN4SFzm/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026
2024.

MATTHAI João.; SATHIASEKHARAN Malathi.; PODDAR Ujjal., et al. Guidelines on Diagnosis and Management of Cow's Milk Protein Allergy. **Indian pediatrics**, v. 57, n. 8, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32844758/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas: Alergia Alimentar – Proteína do Leite de Vaca. Brasília: CONITEC, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/conitec/pt-br/mídias/consultas/relatórios/2022/20220427_pcdt_aply_cp_24.pdf. Acesso em: 24 set. 2024.

MUTTONI, Sandra. **Patologia da nutrição e dietoterapia**. Porto Alegre: SAGAH, 2017. E-book. pág.15-30. ISBN 9788595021013. Disponível em: [https://app\[minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595021013/](https://app[minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788595021013/). Acesso em: 24 set. 2024.

REIS, Pamela dos; MARCON, Sonia Silva; BATISTA, Vanessa Carla; et al. Repercussões da alergia ao leite de vaca sob a ótica materna. **Rev Rene**, v. 21, p. e42929–e42929, 2020. Disponível em: https://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-38522020000100316. Acesso em: 12 nov. 2024.

ROBERTS, Kate; MEISER-STEDMAN, Richard; BRIGHTWELL, Alex; et al. Parental Anxiety and Posttraumatic Stress Symptoms in Pediatric Food Allergy. **Journal of Pediatric Psychology**, v. 46, n. 6, p. 688–697, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33704484/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SEVINC, Nergiz; KORKUT, Burcu; SEVINC, Eylem. Ansiedade em mães de recém-diagnosticados com alergia à proteína do leite de vaca: Um estudo transversal. **Progress in Nutrition**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. e2021165, 2021. DOI: 10.23751/pn.v23i2.11604. Disponível em: <https://www.mattioli1885journals.com/index.php/progressinnutrition/article/view/11604>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SICHERER, Scott H. Epidemiology of food allergy. **Journal of Allergy and Clinical Immunology**, v. 127, n. 3, p. 594–602, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21236480/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SOLINAS, C.; CORPINO, M.; MACCIONI, R.; et al. Cow's milk protein allergy. **The Journal of Maternal-Fetal & Neonatal Medicine**, v. 23, n. sup3, p. 76–79, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20836734/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

VICTORA, Cesar G; BAHL, Rajiv; BARROS, Aluísio J D; et al. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. **The Lancet**, v. 387, n. 10017, p. 475–490, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26869575/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

VIEIRA, Ricardo José Lima da Silva. Alergénios alimentares: um estudo sinóptico. **Run.unl.pt**, 2015. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Segurança Alimentar) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em:

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 17/01/2026 | aceito: 19/01/2026 | publicação: 21/01/2026

<http://hdl.handle.net/10362/16022>. Acesso em: 25 nov. 2024.

TANIR, Y.; ASIK, A. Ansiedade, depressão e estilos de enfrentamento em mães de crianças com alergia à proteína do leite de vaca. **Annals of Medical Research**, [S. l.] , v. 30, n. 8, p. 934–938, 2023. Disponível em: <https://www.annalsmedres.org/index.php/aomr/article/view/4489>. Acesso em: 13 nov. 2024